

BOCA MALDITA: PERFORMANCES, TRIBALIZAÇÃO E INVENÇÃO DE TRADIÇÕES NO ESPAÇO PÚBLICO¹

LAURO ALMEIDA DE MORAES

Jornalista, Doutor em Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba - PR²

lauromoraes@ufpr.br

FABIANO FAZION

Arquiteto e Urbanista, Doutor em Gestão Urbana, Universidade Católica do Paraná.

Arquiteto e Urbanista da Universidade Federal do Paraná, Matinhos - PR³

fabiano.fazion@hotmail.com

RESUMO: A Boca Maldita, local de reunião, debates e convívio, é uma instituição simbólica situada no centro de Curitiba, significativa na identidade curitibana, aqui estudada como fenômeno socioespacial e cultural. Para a análise, recorreu-se a observações, fotografias, desenhos e registros sonoros. A interpretação adotou a perspectiva de “invenção de tradições”. Privilegiou-se uma leitura qualitativa, por meio da ideia de apropriação e territorialidade, da sociologia maffesoliana, da antropologia da performance e de técnicas de observação participante. Observou-se que uma tradição foi criada, passando a fazer parte dos discursos como fato, gerando alterações físicas e comportamentais; ali a territorialidade é fluida, promovendo extensões do espaço público para o privado e vice-versa; a institucionalização vai além da configuração física ou da lógica articulada; práticas ritualizadas consolidam-se no espaço vivido. A ‘tribo’ se reúne e cria um “pedaço”. A comunidade reconhece a tribo e suas práticas; a tradição se consolida e se torna memória e história.

Palavras-chave: espaço público, apropriação, territorialidade, Boca Maldita, Curitiba.

BOCA MALDITA: PERFORMANCES, TRIBALIZATION AND INVENTION OF TRADITIONS IN THE PUBLIC SPACE

ABSTRACT: Boca Maldita, a place for meetings, debates and socializing, is a symbolic institution in the center of Curitiba, significant in Curitiba's identity, studied here as a sociospatial and cultural phenomenon. For the analysis, observations, photographs, drawings and sound records were used. The interpretation adopted the perspective of “invention of traditions”. A qualitative reading was privileged, through the idea of appropriation and territoriality, of Maffesolian sociology, of the anthropology of performance and of participant observation techniques. It was observed that a tradition was created, becoming part of the speeches as a fact, generating physical and behavioral changes; there, territoriality is fluid, promoting extensions of the public to the private space and vice versa; institutionalization goes beyond physical configuration or articulated logic; ritualized practices are consolidated in the lived space. The ‘tribe’ comes together and creates a ‘piece’. The community recognizes the tribe and its practices; tradition is consolidated and becomes memory and history.

Key words: public space, appropriation, territoriality, Boca Maldita, Curitiba.

¹ Os resultados desta pesquisa também foram publicados como capítulo de livro na obra Olhares pelo espaço público (Setor de Tecnologia da UFPR, 2019).

² Endereço para correspondência: Departamento de Geografia, Programa de Pós-graduação em Geografia. ACF Centro Politécnico - Av. Cel. Francisco H dos Santos, 100 - Edifício João José Bigarella - Sala 108 - 1º andar, Jardim das Américas. Cep: 81.531-980 - Curitiba, PR.

³ Endereço para correspondência: Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral. Rua Jaguariaíva, 512, Caiobá. CEP: 83.260-000 - Matinhos, PR.

BOCA MALDITA: ACTUACIONES, TRIBALIZACIÓN E INVENCION DE TRADICIONES EN EL ESPACIO PÚBLICO

RESUMEN: Boca Maldita, lugar de encuentro, debate y socialización, es una institución simbólica en el centro de Curitiba, significativa en la identidad curitibana, aquí estudiada como fenómeno socioespacial y cultural. Para el análisis se utilizaron observaciones, fotografías, dibujos y registros sonoros. La interpretación adoptó la perspectiva de “invención de tradiciones”. Se privilegió una lectura cualitativa, a través de la idea de apropiación y territorialidad, de la sociología maffesoliana, de la antropología de la performance y de las técnicas de observación participante. Se observó que se creó una tradición, pasando a formar parte de los discursos como un hecho, generando cambios físicos y de comportamiento; allí, la territorialidad es fluida, promoviendo extensiones de lo espacio público al privado y viceversa; la institucionalización va más allá de la configuración física o la lógica articulada; las prácticas ritualizadas se consolidan en el espacio vivido. La "tribu" se une y crea una "pieza". La comunidad reconoce a la tribu y sus prácticas; la tradición se consolida y se convierte en memoria e historia.

Palabras clave: espacio público, apropiación, territorialidad, Boca Maldita, Curitiba.

A “República” da Boca Maldita

A Boca Maldita é uma instituição simbólica curitibana. Frequentada por um grupo mais ou menos constante, majoritariamente constituído de senhores de meia idade – mas também visitada por políticos, artistas, personalidades de destaque e turistas de passagem pela cidade – situa-se numa área pouco precisa, cujo epicentro é considerado amiúde como sendo um café – comumente identificado também como o café da Boca – ou o passeio logo em frente, no centro de Curitiba (Figura 1).

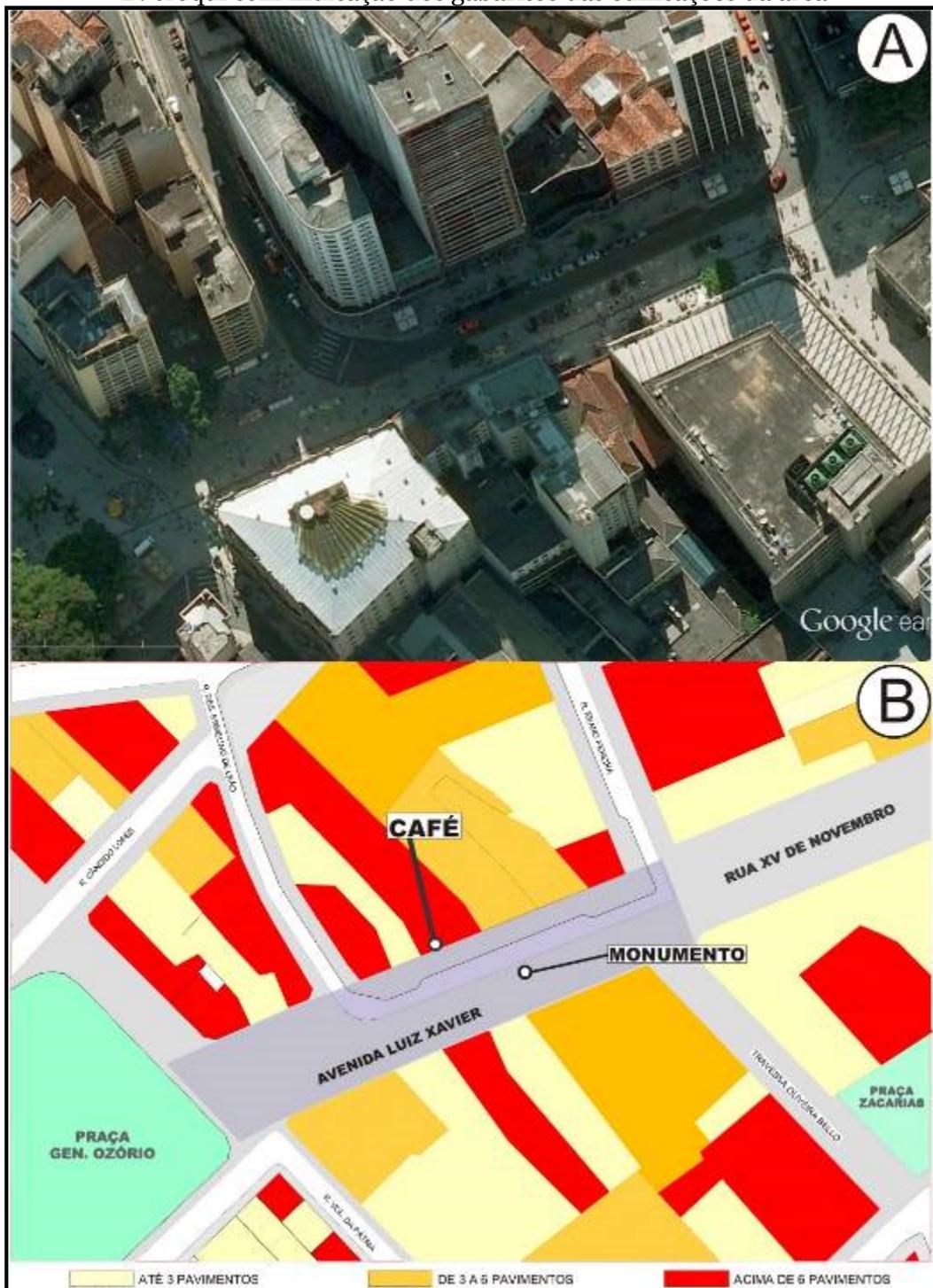
Figura 1 - Localização geral da Boca Maldita na Regional Matriz e na área central de Curitiba



Fonte: IPPUC, adaptado pelos autores.

A ocupação da Rua XV de Novembro, no trecho da Boca Maldita, contou com alguns dos primeiros grandes edifícios da cidade, entre eles o Tijucas, o Moreira Garcez e o Palácio Avenida. Como a largura da via era modesta, formou-se no local um corredor de edifícios verticais (hoje considerados de altura mediana) cuja presença veio a constituir um cenário que enquadra e limita as perspectivas visuais, sem causar a sensação de opressão frequente em ruas dotadas de imensos arranha céus. Assim, o local se configura como um espaço fechado nas laterais (considerando o fluxo de pedestres mais intenso), tendo numa extremidade a abertura longilínea em direção à Praça Santos Andrade e na outra culminando com uma abertura cenográfica em direção à Praça Ozório, como indicado na Figura 2.

Figura 2 – A: Vista aérea do entorno da Boca Maldita
B: croqui com indicação dos gabaritos das edificações da área



Fonte: Google Earth e IPPUC, com intervenção dos autores, 2019.

Frequentemente citada na imprensa e tema de livros, a Boca, como também é conhecida, é um dos poucos locais públicos curitibanos reconhecidos por sua identidade e verve. Esse reconhecimento, no entanto, depende essencialmente da participação (ativa ou passiva, consciente ou não) de diversos grupos sociais: 1) os passantes que, conhecedores da tradição, observam os agrupamentos de pessoas e, eventualmente, participam de alguma

atividade no local, ou aqueles que, alheios à existência da Boca Maldita, têm sua atenção atraída pelos grupos que ali se reúnem ou são levados ao local para uma observação, como os visitantes da linha de ônibus turístico ou que seguem indicações diversas (que aqui será analisada pelo viés das performances); 2) os próprios frequentadores da Boca, mais ou menos assíduos, cuja atuação (que se dá desde uma simples parada para um café ou um bate-papo até a manutenção de uma confraria autoinstitucionalizada) garante a permanência da tradição (que será tratada sob a ideia da tribalização); e 3) os diversos atores sociais que participaram da criação e continuam com a manutenção da divulgação da tradição, como jornalistas e escritores, personalidades públicas, políticos, enfim, todos aqueles que têm algum interesse em participar, reconhecer, legitimar, perpetuar uma tradição carente de consolidação física numa cidade com identidade em formação, cujos laços culturais e expressões de agregação social são difíceis de captar, por sua característica esparsa ou inconstante (que será observado sob o espírito da invenção das tradições).

Com efeito, analisa-se a Boca Maldita como espaço público significativo na identidade de Curitiba. Essa análise se inicia com uma leitura das características físicas do local, buscando compreender se e em que medida essas características são significativas para a definição da Boca Maldita enquanto tal. Assim, analisa-se a escala das edificações circundantes, para observar se o tamanho ou a forma dos edifícios circundantes teriam relação com o caráter da Boca. Da mesma forma, investiga-se a paisagem sonora do local, em busca de sinais materiais que pudessem constituir elementos de compreensão das suas características. Essa pesquisa levou a reforçar ainda mais o entendimento da Boca Maldita como uma construção social, pois suas características não representam elemento significativo em sua conformação. Desse modo, além de apreender a formação histórica e as características físicas do ambiente, busca-se, sobretudo, compreendê-lo por meio de uma leitura social, captando a dinâmica, o *ethos* e o *modus vivendi* característicos da Boca. É como tradição inventada e espaço de performance que a Boca se revela.

Adentrando à Boca Maldita: procedimentos metodológicos

Para o levantamento físico e cronológico, recorreu-se a técnicas de pesquisa propostas por Whyte (2010 [1980]) e Gehl e Svarre (2013), incluindo observações no local, registros fotográficos, desenhos e anotações em mapas, que possibilitaram perceber fenômenos como a permanência das pessoas, sua localização e movimentação no espaço, assim como a composição dos grupos de usuários. Com a aplicação do *time-lapse*, foram agrupadas diversas fotografias a partir de um ângulo de cima. A reprodução das imagens permitiu a observação de longa duração dessa aglomeração e conseguinte dispersão.

Também foram realizados registros sonoros que possibilitaram fazer interpretações sobre a “paisagem sonora” (KRAUSE, 2013) do local. Esses registros são interpretados através da análise dos gráficos de intensidade sonora, juntamente com a audição dos mesmos, que permite identificar emissões sonoras significativas (sons específicos, diferenças bruscas de intensidade, etc.). A comparação com registros realizados em momentos diversos, também com registros realizados em outros locais, permite realizar uma interpretação sobre a qualidade ambiental sonora do lugar estudado.

Foram feitas gravações, em frente à Boca, em diferentes horas do dia e da noite, em diversas datas, de modo a recolher material de análise comparativa. As gravações duraram cerca de 15 minutos cada uma, das quais foram selecionados trechos para amostra. Um programa de edição sonora permitiu a visualização dos gráficos.

Para a interpretação social, partiu-se da perspectiva de “invenção das tradições” de Hobsbawm (1997), referendada a partir de fontes primárias e das obras de Dudeque (2010) e Oliveira (2000), que trazem informações sobre a formação e o desenvolvimento de Curitiba.

De modo complementar, a pesquisa em jornais locais possibilitou acrescentar informações específicas sobre a história da Boca Maldita.

Concomitantemente, privilegiou-se uma leitura qualitativa, por meio de técnicas de observação participante, cujo processo metodológico posiciona o observador como parte do contexto sob investigação. Esse método serviu, sobretudo, à apreensão da Boca Maldita como espaços vivido e percebido socialmente. Em sua “antropologia na cidade”, a estratégia metodológica defendida por Magnani (2002, p. 25) consiste em “um olhar de perto e de dentro”, a partir de um enfoque etnográfico. Dessa forma, cabe ressaltar que a observação participante incorporou, em momentos e graus diversos, procedimentos específicos de investigação, como os registros sonoros, as fotos e o mapeamento dos movimentos dos usuários do espaço.

Uma metodologia mais acurada, que contempla alguns dos elementos apontados pelo autor supracitado, é apresentada por Uriarte (2013, p. 10), cuja proposta é “fabricar um olhar para ver a cidade”. Esse olhar disciplinado pela lente da etnografia teria ângulos distintos: de cima, de baixo estático, de baixo em movimento e de dentro. Buscou-se observar a Boca Maldita por esses ângulos, ainda que com consciência da desafiadora tarefa de realizar, especialmente, uma observação de dentro. E tal, certamente, mereceria uma incursão delongada, sob olhar quase microscópico, a fim de captar *habitués* mais íntimos, próximos do *backstage* (Goffman, 2002).

Ao analisar dessa forma a cidade, Uriarte (2013, p. 10) acredita que se rompe a “aparente homogeneidade ou caos dos espaços urbanos”, descrevendo seus segmentos e “microespaços”, num primeiro momento, e analisando-os em seguida. A partir dessa perspectiva, inferiu-se que a análise da criação e recriação da Boca Maldita e dos usos que a constituem e interferem no seu uso pode ser explicativa para um contexto mais amplo. Isso porque, numa última fase analítica, a diversidade dos “microespaços” deve ser remontada, “mostrando como coexistem, como se combinam, como se articulam os diversos lugares” (URIARTE, 2013, p. 10). Inclusive, permitindo-se comparar também espaços e “microespaços” de cidades distintas (Boca Maldita, em Curitiba; Esquina Democrática, em Porto Alegre; Praça Sete, em Belo Horizonte; Senadinho, em Florianópolis, por exemplo).

Entretanto, a mesma autora adverte sobre o modismo do trabalho etnográfico na atualidade, no sentido de um entusiasmo de que “todo mundo pode fazer etnografia” (URIARTE, 2012, p. 2). Por isso, cabe reconhecer que esta investigação tão somente recorre a alguns de seus pilares metodológicos e mormente a técnicas de observação participante. Nesse sentido, Valladares (2007, p. 153) enfatiza que “a observação participante, implica, necessariamente, um processo longo. Muitas vezes o pesquisador passa inúmeros meses para “negociar” sua entrada na área. Uma fase exploratória é, assim, essencial para o desenrolar ulterior da pesquisa”. Por isso, seria pretensioso afirmar que se realizou uma etnografia acerca da Boca Maldita também em virtude do período de incursão dos autores. A observação concentrou-se em dias e horários alternados entre os meses de abril e julho de 2016, a fim de abranger distintos dias da semana, com diferentes condições climáticas e fluxos de pessoas.

Ademais, a observação participante ainda pressupõe a interação entre pesquisador e pesquisado. “As informações que obtém, as respostas que são dadas às suas indagações, dependerão, ao final das contas, do seu comportamento e das relações que desenvolve com o grupo estudado” (VALLADARES, 2007, p. 154). Com efeito, teve-se que romper o controle da informação a que se refere Goffman (2002), bem como estabelecer uma aproximação mínima necessária, sobretudo ao olhar “de dentro” apresentado por Uriarte (2013). Porém, uma análise plenamente etnográfica exigiria um esforço ainda maior nesse aspecto. Afinal, em uma observação participante, “por mais que se pense inserido, sobre ele [o pesquisador] paira sempre a “curiosidade” quando não a desconfiança” (VALLADARES, 2007, p. 154).

Uma forma de contornar o distanciamento e a suspeição, reduzindo o estranhamento, foi buscar a interlocução por meio de informantes privilegiados, “figuras públicas automeadas” (JACOBS, 2000) ou “Doc”, na nomenclatura adotada por Valladares (2007,

p. 154): “intermediário que “abre as portas” e dissipa as dúvidas junto às pessoas da localidade”. Sendo assim, uma primeira apresentação foi intermediada por um dos “Cavaleiros” – como se autodenominam os integrantes da confraria – e, mais adiante, uma funcionária do café onde se concentra grande parte do movimento da Boca Maldita revelou-se a mais disponível e proeminente figura pública para realização da pesquisa. A partir daí, pôde-se olhar mais de perto e de dentro o “pedaço”, contornando de forma significativa a curiosidade e a desconfiança e, conseqüentemente, sendo menos percebidos. Aliás, o café, como parte da “mancha” e totalmente integrado ao “pedaço”, tornou-se, assim, estratégico para a observação, disponibilizando-nos uma ambiência apropriada para o uso de todos os sentidos. Nesse aspecto, Bourdieu (2007, p. 466) defende:

aprender pouco a pouco a transgredir a regra não escrita que deseja que apenas possam intervir na construção científica os dados coletados em condições socialmente definidas como científicas, isto é, pela entrevista ou observação armada [...], para fazer ressurgir todas as informações que o sociólogo, enquanto sujeito social, possui inevitavelmente e que, controladas pela confrontação com os dados mensuráveis da observação, podem entrar no discurso científico.

Portanto, vale ressaltar a experiência existencial dos pesquisadores na superação de possíveis limitações metodológicas, por meio de vivências e observações não-sistemáticas da cidade, além de *background* teórico acumulado. Tais características também são cruciais para coerência e pertinência dessa investigação, suplementando a utilização parcial da técnica etnográfica e conferindo substância à análise socioespacial da Boca Maldita.

A invenção da tradição: gênese da Boca Maldita

A XV de Novembro, com seu calçadão, é uma das principais ruas de Curitiba, tanto por sua localização quanto por seu papel no imaginário coletivo⁴. Todavia, nem sempre foi assim. Curitiba já teve outra ‘rua principal’, numa época em que as viagens por trens eram predominantes e os prédios públicos importantes estavam mais misturados à malha urbana. Nessa época, uma rua (a atual Barão do Rio Branco) formava um eixo entre a Prefeitura e a Estação Ferroviária, passando pela Assembleia Legislativa e outros edifícios importantes para a vida pública e social da cidade – essa era a rua principal, concentrando o tráfego de pessoas e veículos e o imaginário coletivo relativo ao ‘centro’ da cidade (PEREIRA, 1996; DUDEQUE, 2010⁵).

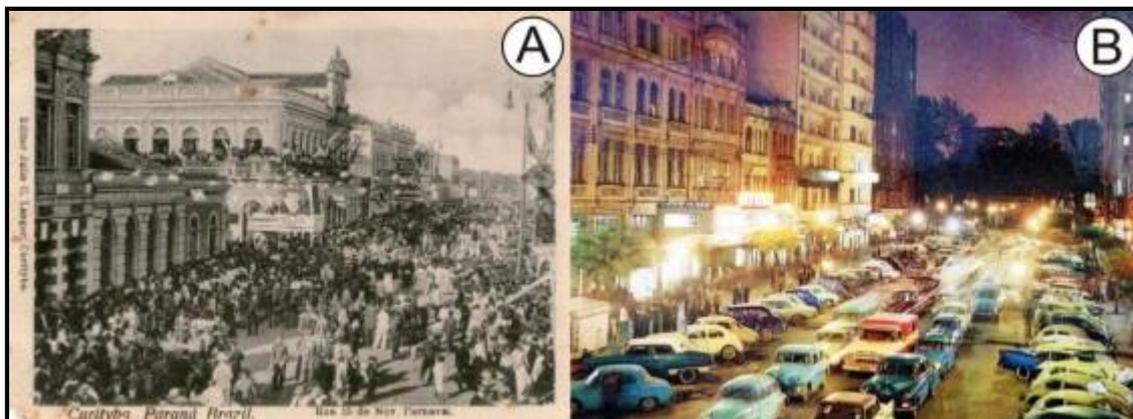
A decadência do transporte ferroviário no Brasil e rápida dominância do automóvel, a gradativa mudança dos prédios públicos para outras regiões (especialmente com a criação do Centro Cívico na década de 1950), e a ampliação do comércio que acompanhou o crescimento da cidade (especialmente a partir do ciclo do mate, de meados do século XIX a meados do século XX), além da importante ligação viária em direção ao bairro do Batel e à Estrada do Mato Grosso, fizeram com que, ao longo da primeira metade do século XX, a cidade sofresse uma mudança significativa em sua configuração espacial: a Barão do Rio Branco perde importância, até se transformar numa rua relativamente secundária do centro da cidade,

4 A Avenida Luiz Xavier, com sua pequena extensão entre a XV e a Praça Osório, apesar de ter sua denominação própria é comumente percebida como uma extensão da Rua XV, e em alguns casos sequer é percebida, uma vez que não há sinais materiais claros de sua diferenciação em relação à sua vizinha mais importante e reconhecida. Para as finalidades desta pesquisa, as duas vias serão entendidas como uma única entidade, uma vez que os trabalhos de campo não identificaram sinais de que a diferenciação nominal representa uma diferenciação efetiva no uso ou na apropriação cognitiva que as pessoas fazem do local.

5 A sequência de informações históricas a seguir tem como referência, quando não houver outra menção, as obras de Pereira (1996) e de Dudeque (2010).

enquanto que a Rua XV de Novembro se transforma na rua principal do núcleo urbano (Figura 3).

Figura 3 - Rua XV de Novembro em dois momentos - A) década de 1920 e B) década de 1960



Fonte: Acervo Cid Distéfano.

Como ali se concentrava uma parcela expressiva do comércio e do trânsito e também muitos escritórios comerciais, tornar-se-ia natural o interesse em observar os passantes, parar para um bate-papo, tomar um café ou fumar um cigarro em meio ao burburinho da cidade. Também era nessa área, possivelmente por conta da conformação espacial e paisagística do local, com a Rua XV de Novembro terminando ao encontrar a Praça Ozório, que aconteceriam, desde pelo menos 1950 com um famoso comício de Getúlio Vargas, importantes eventos cívicos nos quais se concentravam centenas, milhares de pessoas.

Um local de interesse era a Galeria Tijuca. Numa época em que a cidade ainda tinha poucos prédios altos, um edifício comercial reunindo várias lojas era uma novidade. Tal galeria (e sobre ela um grande conjunto de salas comerciais) concentrava de maneira peculiar tanto o trânsito de passantes quanto o agrupamento de observadores casuais. Assim, seguindo a tradição brasileira de haver um local central na cidade, conhecido pela reunião de homens conversando sobre os assuntos do momento, em especial as novidades da política (TOMASS, 2013), formou-se nas proximidades da Praça Ozório, em frente à Galeria Tijuca, um grupo de assíduos, em geral homens de meia-idade, que, por se encontrarem frequentemente no mesmo local e por sentirem a necessidade de consolidar um sentimento identitário, decidiu autodenominar-se enquanto grupo: Boca Maldita – possivelmente por causa do costume de ali tudo ser dito e poder ser dito, sem delicadezas nem censuras, uma vez que não há consenso em relação a esse sentido empregado para sua nomenclatura. Em 1956, o grupo de frequentadores decidiu formalizar a confraria, que na década de 1960 (durante o regime militar) passou a contar inclusive com estatuto e registro comercial.

No início da década de 1970, Curitiba começa a viver um período de grandes transformações urbanísticas, por conta dos projetos e obras da equipe do recém criado IPPUC, capitaneada pelo prefeito e arquiteto Jaime Lerner. Uma das transformações foi a criação do calçadão da Rua XV de Novembro, que gradualmente retirou o tráfego de automóveis desde a Praça Ozório até a Praça Santos Andrade (com algumas interseções e um trecho de trânsito limitado, justamente em frente a área em que ocorrem os encontros da Boca Maldita). Essa configuração permite que a Praça Ozório seja utilizada como um fundo, à frente do qual se erguem palcos ou palanques provisórios, restando a Rua XV de Novembro como o espaço da plateia, tendo como local privilegiado as imediações da Boca (próxima do palco, com serviços nas laterais, entradas/saídas pelas ruas transversais).

Figura 4 – Comício das Diretas Já na Boca Maldita - 12/01/1984



Fonte: Acervo Casa da Memória

Apesar de alguma resistência inicial por parte de comerciantes locais, o calçadão consolidou a Rua XV de Novembro como via principal da cidade, não mais por concentrar o trânsito (que já não passava por ali) nem por agrupar o comércio mais importante (que ao longo dos anos foi gradativamente se retirando para outras regiões e para os Shoppings), mas por concentrar o reconhecimento identitário dos habitantes da cidade. Reforçou-se, assim, o impulso de realizar grandes eventos no local, sendo um marco histórico o grande comício em prol das eleições diretas (Figura 4). A Boca Maldita passa a ser identificada com esses acontecimentos e, ao noticiá-los, o jornalismo confere destaque a esse espaço simbólico curitibano.

Dessa forma, mesmo sem uma clara e delimitada constituição física, fica patente que a Boca existe no imaginário local. Sendo uma instituição imaginária relativamente recente (os relatos mencionam a década de 1950 como período de sua formação, tal como se conhece hoje, de acordo com Tomass, 2013), pode-se inferir que se trata de um fenômeno de “invenção de tradições”, tal qual os descritos por Hobsbawm (1997, p. 271), quando ressalta que “grupos sociais, ambientes e contextos sociais inteiramente novos [...] exigiam novos instrumentos que assegurassem ou expressassem identidade e coesão social, e que estruturassem relações sociais”.

Aparentemente, uma conjunção de interesses fez com que um espaço estrategicamente situado e um grupo numeroso de pessoas com tempo e disposição para longas conversas – além da realização de eventos cívicos e políticos nas imediações e da necessidade histórica de estabelecer uma identidade cultural para uma cidade e um estado marcados pela imigração e pela pouca expressão cultural – fosse adotado como um símbolo cívico de maneira não oficial e depois dotado de certa oficialidade pela adoção, por parte do poder público, do discurso antes reservado aos *insiders* (ELIAS e SCOTSON, 2000). Dessa

forma foi criada uma tradição, que passou a fazer parte dos discursos da imprensa e das autoridades como um fato estabelecido.

Espacializações na Boca Maldita

Nessa seção, apresentam-se análises de alguns aspectos materiais da Boca, buscando compreender em que medida esses confirmam as impressões dos pesquisadores e se se adequam à perspectiva teórica adotada. Inicia-se apresentando uma leitura da paisagem sonora, através da qual se pode verificar o quanto algumas manifestações sonoras impactam a conformação da 'tribo' e sua apropriação do 'pedaço', percebendo que a Boca Maldita da 'tribo' não corresponde necessariamente à Boca Maldita instituída como uma tradição da cidade, como parte de sua identidade global.

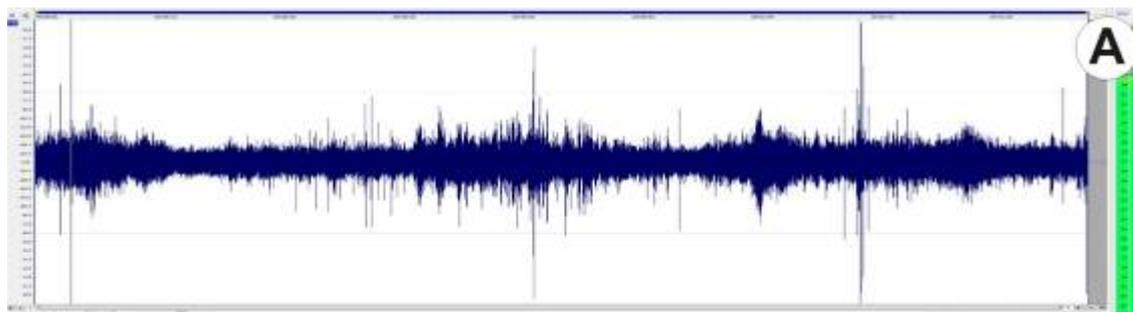
Em seguida, apresentam-se os elementos relativos à circulação de carros e ônibus, à movimentação dos pedestres e à permanência das pessoas no entorno da Boca, evidenciando padrões de comportamento que denotam tanto a particularidade desse espaço urbano quanto a pertinência da perspectiva teórica adotada.

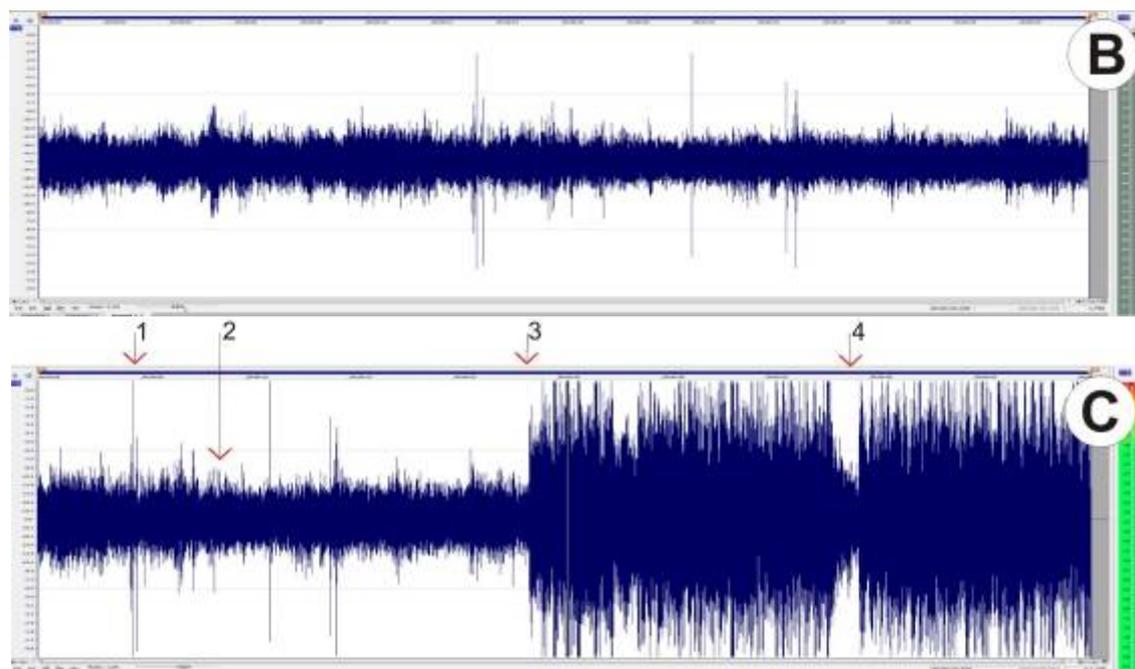
O som da Boca

De início, cabe frisar que a paisagem sonora é distinta da conformação visual do ambiente. Se a altura dos edifícios e a distância entre eles não constitui uma paisagem visualmente opressiva, a configuração da Rua XV de Novembro como um grande e contínuo corredor de edificações condiciona a sonoridade do local de maneira bastante específica.

Com alta refletividade das superfícies construídas e escassa vegetação, a Boca Maldita constitui uma paisagem sonora na qual os sons são amplificados e reverberados intensamente. Em dias de movimento moderado, tal característica não chega a ser percebida, uma vez que a intensidade sonora cotidiana do ambiente é amena. Porém, quando a concentração de pessoas é maior, ou quando algum evento contribui com uma forte produção de ruídos, a paisagem sonora altera-se sensivelmente. Para perceber melhor tal dinâmica, realizou-se registros sonoros em diversos dias e situações, sempre no mesmo local, em frente à Boca. Pode-se perceber que existe uma intensidade sonora mediana que é mais ou menos constante durante o dia. Essa característica decai, naturalmente, à noite ou quando há muito pouco movimento, se amplia nos sábados pela manhã e se torna muito intensa, podendo chegar a ser opressiva, quando há algum evento ou apresentação na região que utiliza equipamento sonoro. Na figura 5, apresenta-se alguns trechos representativos dos dados analógicos advindos de gravações do som ambiente na Boca Maldita em um dia de pouco movimento, outro com circulação mediana e, por fim, um dia com grande concentração de pessoas, com um evento acontecendo. Os trechos escolhidos são de gravações realizadas em sábados pela manhã.

Figura 5 – Representação gráfica do registro sonoro. A) dia de baixo movimento; B) dia de movimento moderado; C) dia de movimento intenso, com evento musical.





Legenda: 1 – Teste da bateria 2 – Nível de ruído habitual 3 – Início da apresentação musical 4 – Intervalo entre músicas.

Fonte: elaborado pelos autores, 2019.

No primeiro registro (A), a temperatura ambiente era de dois graus centígrados e, mesmo sendo uma manhã ensolarada de sábado, havia poucas pessoas na Boca – todas em movimento. O nível de ruído é baixo, o som dos veículos passa a ser mais notado. Com movimento moderado (B), nota-se que o nível de ruído é mais ou menos constante, numa intensidade que permite conversações sem grande esforço para falar ou ouvir um interlocutor. O som do tráfego de veículos, pouco intenso, não chega a se destacar na paisagem sonora. Porém, a situação altera-se quando ocorrem duas situações: a grande concentração e circulação de pessoas e a realização de um evento. O ruído cresce consideravelmente e é necessário elevar o tom de voz na conversação, bem como a atenção para se ouvir um interlocutor. Como o corredor de edificações reverbera os ruídos ambientes, toda a área é tomada pelo ruído; além disso, os eventos costumam acontecer na intersecção entre o calçadão e a Praça Ozório, o que deixa a Boca na região de maior intensidade sonora, ainda que os efeitos sejam sentidos (gradualmente decrescentes) por vários quarteirões. Na dinâmica da Boca, isso não é necessariamente um incômodo, pois há certa excitação ligada ao grande burburinho gerado nas redondezas, o que denota contribuir para a sensação de pertencimento e participação de todos na confraternização que caracteriza esse espaço público.

Quando um evento com característica de grande emissão sonora se instala, (o que acontece com frequência bastante variada e incerta) no entanto, tudo se altera. A conversação se torna difícil, quase impossível. Todas as atividades sonoras realizadas na Rua XV de Novembro, ao longo de várias quadras do calçadão, ficam em segundo plano. Só é possível ouvir os sons do evento, cessam as conversas, monopoliza-se, queira-se ou não, as atenções. O nível de ruído por vezes se torna agressivo, embora muitas pessoas, absortas pelo espetáculo, sequer se deem conta da intensidade violenta do som ambiente. Não é possível ouvir os carros, nem qualquer outro som.

A análise dos níveis sonoros deixa claro que a qualidade do ambiente, no sentido de seu uso e fruição pelas pessoas, depende diretamente dos níveis sonoros presentes no espaço e dos tipos de emissão sonora. Ao situar-se em um ambiente urbano totalmente construído e

agregador de eventos e fluxos intensos, a Boca Maldita fica sujeita a variados sons e tons sonoros da urbe. Enquanto as conversas das pessoas – acompanhadas pelo ruído de fundo dos carros e outras emissões acústicas urbanas – domina a paisagem, o ambiente é acolhedor, amigável. Quando os sons de um evento, como apresentações musicais, tornam-se dominantes (considerando a prática usual nesses casos, que é a de estabelecer altos níveis de pressão sonora), o ambiente modifica, revestindo-se de impessoalidade e/ou ficando até mesmo hostil.

Porém, o mais significativo no âmbito dessa investigação parece ser o fato de que a dinâmica da Boca, embora bastante desconectada dos componentes físicos do espaço e até mesmo prescindindo deles de certa forma, depende de alguns fatores ambientais bastante específicos. A Boca está fortemente centrada na conversa, na integração social, e quando a sonoridade ambiente torna a conversa difícil, até impossível, a Boca perde gradualmente sua coerção. Os frequentadores se dispersam, o calçadão é tomado por outra dinâmica, e o café se torna uma espécie de refúgio para os poucos Cavalheiros que ali se enfurnam à espera do retorno da dinâmica habitual.

Pode-se perceber, assim, que existe a Boca da tradição (inventada) – com seus Cavalheiros e outros frequentadores – e existe a Boca (imediações do calçadão) da qual a cidade se apropria (tanto física quanto simbolicamente) para realizar seus eventos, quando pouco, ou nada, se relaciona com a outra.

Circulando pela Boca

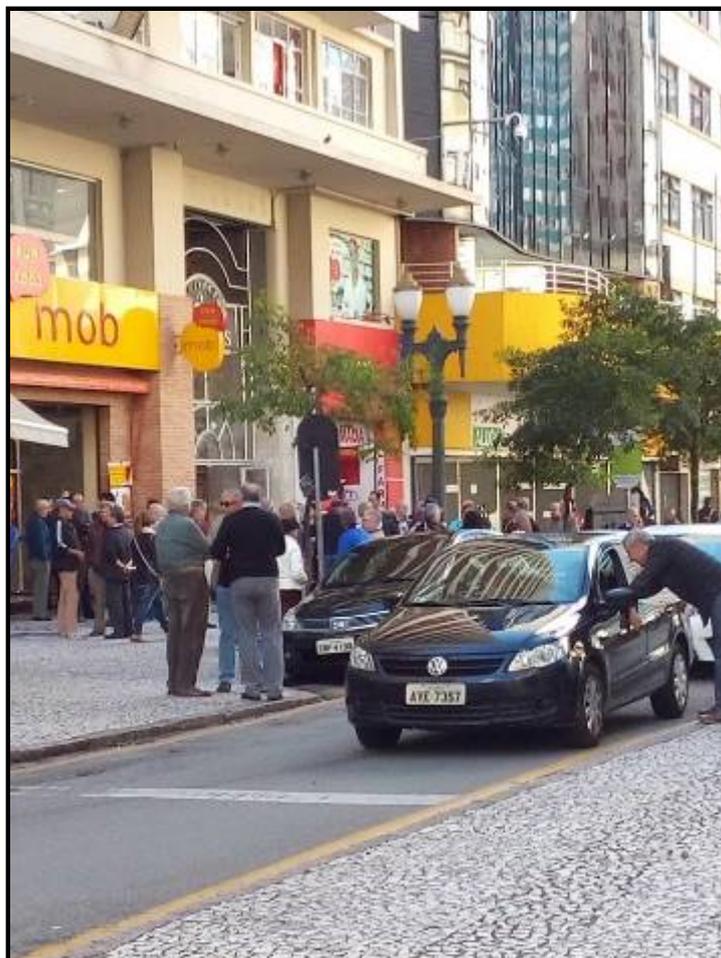
A circulação de veículos tem papel secundário na configuração sensorial da Boca Maldita. Mesmo assim, o trânsito conserva certo significado, pois permite que se estabeleçam algumas relações diferentes dos demais trechos do calçadão. Isso porque é justamente em frente à Boca que o calçadão tem seu único trecho no qual existe uma hibridização de tráfegos, pois uma faixa de circulação de veículos atravessa longitudinalmente o calçadão, ainda que sem interrompê-lo totalmente, nem tirando o caráter de predominância dos pedestres (em outros locais, o calçadão é interrompido transversalmente para dar passagem aos veículos que trafegam por algumas ruas que o atravessam).

Dessa forma, torna-se possível que algumas situações peculiares se estabeleçam. Uma delas está relacionada com a passagem dos ônibus da Linha Turismo, com um ponto de parada em frente à Boca. Mesmo que a intenção seja colocar os turistas em relação com o calçadão de maneira mais ampla, não há dúvidas de que um destaque é dado à Boca, o que reforça o caráter da tradição produzida.

Outro tipo de situação acontece quando alguma pessoa que está parada na Boca estabelece uma conversa com alguém que passa num carro. Esse tipo de situação seria praticamente impossível em outra parte do centro da cidade, onde a pressa e as demandas cotidianas do trânsito se impõem. Na Boca, porém, onde a conversa é um elemento fundamental na composição da personalidade do lugar e onde as regras nem sempre são as mesmas dos demais lugares da cidade, é comum aceitar que um carro pare por alguns instantes e o motorista possa conversar com algum Cavalheiro sem que haja estranhamento ou seja apressadamente interrompido (Figura 6).

A situação é diversa quando se trata da permanência dos pedestres. A Boca Maldita constitui-se pela permanência das pessoas e sua extensão pode variar grandemente dependendo de quantas pessoas estão ali paradas e o espaço que elas ocupam, o que ficou patente por meio de fotografias, de registros sobre mapas e da sistemática observação da circulação e convivência das pessoas naquela área (WHYTE, 2010 [1980]; GEHL e SVARRE, 2013).

Figura 6 – Motorista interrompe temporariamente o trânsito para conversar com Cavalheiro da Boca.



Fonte: autores, 2016.

Constatou-se, de fato, que a Boca Maldita é o grande elemento aglutinador das pessoas. As maiores concentrações de pessoas paradas dão-se em frente ou nas proximidades do café e, em segundo lugar, na área próxima aos bancos do outro lado do calçadão (Figura 7). Vale ressaltar que as duas concentrações apresentam características similares em termos de composição dos grupos: maioria de homens de meia idade ou idosos, reunidos em rodas de conversa, o que indica a ligação com a Boca Maldita.

Notadamente, a banca de jornais torna-se um ponto de apoio, e perto dela costuma haver pessoas paradas, geralmente em pequenos grupos. Mais significativo, no entanto, é o fato de que a aglomeração se concentra numa área que, por si só, não tem características atrativas: no entorno do café, espalhando-se de acordo com a quantidade de pessoas presentes. É aqui que fica claro o papel da Boca Maldita como fator de atração e de permanência. Enquanto o intenso fluxo de pedestres (representado pelas linhas na figura) passa mais ou menos alheio e busca passagem entre os grupos que estão por ali parados, é perceptível que algo atrai um grande número de pessoas para uma área específica.

Figura 7 – Figura-síntese das observações sobre a circulação e a permanência dos pedestres



Fonte: elaborado pelos autores sobre mapa do IPPUC, 2019.

Desde dentro do café, pode-se perceber uma aglomeração que se estende pela calçada em frente, espalha-se em direção à porta da Galeria Tijuca, onde costuma ser deixado um espaço para quem entra ou sai da galeria poder transitar; em seguida, nova concentração, e os passantes têm que buscar um caminho e se esgueirar entre os grupos parados se quiserem seguir seu caminho por ali. Atravessando a via de veículos, mais uma vez a concentração de pessoas, geralmente em pequenos grupos, a maioria nas proximidades dos assentos. Essa aglomeração costuma durar horas, embora haja uma constante troca de personagens; somente alguns ficam ao longo de todo ou quase todo período de movimento na Boca.

Os grupos que se reúnem, no entanto, não são absolutamente estáticos. As pessoas vêm e vão entre um grupo e outro, num balé urbano com o ritmo da Boca: lento, gradual, com avanços e recuos, passos resolutos e hesitações. Enquanto isso, o ritmo do calçadão segue frenético e decidido: as pessoas transitam com passos rápidos, aparentemente sabem para onde vão e o que querem.

No entorno da Boca: performances, territorialidade e tribalização

A apropriação é um processo fundante para os espaços, que remete à apreensão do mundo feita pelo sujeito, interiorizando significados socialmente definidos. Como salientam Cavalcante e Elias (2011, p. 65), a “apropriação por ação/transformação” guarda relação com o comportamento de territorialidade, que se tornou elementar para evidenciar as múltiplas relações envolvidas em um determinado espaço. Ao envolver tanto elementos tangíveis quanto intangíveis, o território suplanta a ideia de controle e soberania, assumindo também importante dimensão simbólica, enquanto espaço socialmente apropriado (HAESBAERT, 2003; FUINI, 2017).

Com efeito, tal noção confere sentido à apropriação particular de trechos de calçadas ou até mesmo de um estabelecimento comercial por grupos de pessoas, assim como ocorre nas imediações da Boca Maldita. Complementarmente, a “apropriação por identificação” envolve “processos simbólicos, cognitivos, afetivos e interativos que transformam o espaço (extensão) em lugar reconhecível e pleno de significado para o sujeito ou grupo social” (CAVALCANTE e ELIAS, 2011, p. 66). Do mesmo modo se conforma a Boca Maldita. Não se tem o domínio legal do espaço, mas ali se concentram regularmente seus “Cavalheiros”. E ao se apropriarem cognitivamente de características simbólicas do lugar, atribuem a este peculiaridades que se encontram no imaginário e não nas coisas materiais.

Um turista desavisado, por exemplo, poderia passar pelo local num dia de semana comum e não se dar conta de que ali existe a Boca Maldita. Poucas coisas físicas, de fato, indicam a existência da Boca: um monumento abstrato e uma placa provavelmente são as únicas manifestações concretas indicando que ali se encontra um dos espaços icônicos da cidade. No entanto, ao passar por ali numa manhã ensolarada de sábado, mesmo alguém pouco atento não deixará de notar a concentração de pessoas, especialmente homens idosos, formando grupos que conversam calorosamente.

A despeito da escassez de vestígios tangíveis, registra-se que a Boca é tema de várias reportagens e menções na imprensa local e que existem pelo menos dois livros dedicados inteiramente a ela. Além disso, a observação demonstrou que há uma concentração peculiar de pessoas e atividades na região da Boca Maldita, que tem ritmo e rituais próprios. Como defendeu Turner (1974), o rito teatraliza, dramatiza e legitima comportamentos sociais. Ao mesmo tempo, interrompe a vida rotineira e as tradicionais representações de mundo. Portanto, carrega também um potencial divergente ou contraditório em relação às estruturas sociais.

O mesmo autor denomina a nova forma organizacional originária do processo ritual de *communitas*, que une os indivíduos num estágio liminar, motivados por crenças, valores ou ideais coletivos, configurando uma “antiestrutura”. Enquanto *communitas*, a Boca Maldita implica, então, a adesão a um *habitus*, identificado por Bourdieu (2001, 2007) como um sistema de disposições duráveis e transferíveis de modo inconsciente. Além de gerar práticas diversas e distintivas, torna-se um princípio unificador de práticas sociais – padrões de comportamento, pensamento, gostos – algo fundamental para uma confraria.

Com efeito, há uma espécie de encenação característica que emerge nos encontros dos Cavalheiros da Boca. Essa autointitulação já demonstra a existência de um processo de “representação” – conceito que Goffman (2002, p. 29) define como “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência”. O comportamento e a postura adotada por eles também podem ser explicados por meio do conceito de “*transportation*”, com o qual Schechner (1995) introduz a noção de que os atores sociais são levados a assumir papéis distintos daqueles adotados rotineiramente. Ao tratar desse conceito, Silva (2005, p. 50) confirma: “ele [ator social] poderá se sentir mais “livre” para explorar com ousadia o repertório variado de papéis sociais e, assim, expressar, sem receio, as suas emoções, chorar, gargalhar, agir com irreverência, gritando, assoviando alto, etc.”.

Concomitantemente, o que Schechner (1995) designa como “restauração do comportamento” torna possível, por exemplo, o resgate de práticas e atividades consideradas peculiares ao universo da Boca Maldita. Aliás, o comportamento restaurado é responsável por boa parte da mística em torno desse “pedaço” (MAGNANI, 2002), reconhecido e frequentemente retomado como palco de manifestações políticas, culturais e sociais de Curitiba. Sobre essa modalidade de performance, que se mistura ao *habitus* na Boca, Silva (2005, p. 57) afirma:

[...] esses tipos de “comportamento restaurado” (restauração de eventos performáticos) possibilitam, também, compreender que as performances são atividades culturais criativamente reproduzidas ao longo do tempo, num processo que tende a envolver interesses diversos e sugerir pluralidade de significados. Quero com isso dizer, parafraseando Schechner, que o “comportamento restaurado” é “comportamento simbólico” e, enquanto tal, também o é potencialmente polissêmico.

A reproduzibilidade e a polissemia da Boca Maldita evidenciam, portanto, a dimensão temporal e sequencial da apropriação (CAVALCANTE e ELIAS, 2011). Num primeiro momento, o espaço é moldado conforme o significado atribuído pelo sujeito. Em seguida, ocorre a identificação, individual e coletiva, com tal significado e a busca pela sua preservação. Desse modo, a Boca constitui uma referência territorial, carregando uma identidade que gera apego/vínculo com o lugar, caracterizado pelas relações sociais, cujo significado sedimenta-se a partir da invenção da tradição e de sua incorporação no cotidiano da cidade.

O período diurno é o mais pujante na dinâmica social da Boca Maldita. Há sinais, materiais e imateriais, que determinam sua territorialidade, conforme salientado. No entanto, inexistem limites rígidos de onde começa ou termina o território, alocado nas calçadas da Rua XV de Novembro até próximo à Praça Osório. Ao mesmo tempo, o espaço é bem gerenciado, nos termos de Carmona (2010), que faz um mapeamento teórico classificando espaços públicos caracterizados por uma subgestão (*under-management*) e, por outro lado, pelo excesso de gestão (*over-managed*). A partir desse viés, evidencia-se que a área sob observação é monitorada por câmeras, dotada de farto mobiliário urbano e situada no âmbito de uma das mais importantes regiões de Curitiba, senão a mais importante, do ponto de vista simbólico e comercial.

Ressalve-se, ainda, que se trata de um lugar de passagem e de encontros – marcados e inesperados. Portanto, um espaço fluido – de fluxo e de permanência – em que ocorre o imbricamento entre “pedaço” e “mancha”. Segundo, Magnani (2002, p. 22), “numa mancha de lazer, os equipamentos podem ser bares, restaurantes, cinemas, teatros, o café da esquina etc., os quais, seja por competição seja por complementação, concorrem para o mesmo efeito: constituir pontos de referência para a prática de determinadas atividades”. Essa é a característica da região em que se situa a Boca Maldita, inclusive com um ponto de embarque e desembarque da Linha Turismo em frente. Portanto, um espaço afeito a variadas combinações e modalidades de encontro, incluindo aí, sobretudo, aquelas típicas do “pedaço”, “para onde o indivíduo se dirige em busca dos iguais, que compartilham os mesmos códigos” (MAGNANI, 2002, p. 23).

Ao envolver uma rede de relações estabelecida por laços diversos e socialmente definidos, passar ou frequentar com regularidade esse tipo de domínio não garante “ser do pedaço”. É necessário ser reconhecido como tal.

O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (MAGNANI, 2002, p. 21).

Logo, a Boca Maldita caracteriza-se pela permanência e um arranjo territorial bem demarcado por um grupo de indivíduos, que formaram uma espécie de “tribo”. Contrariamente à concepção recorrente da atomização e de um individualismo imperante na sociedade moderna, Maffesoli (1987) assinalou que os indivíduos realizam-se e dão sentido à existência na coletividade, até mesmo como forma de resistência ao desencantamento do mundo moderno. Haveria, portanto, uma pulsão de vida na existência social que

impulsionaria os indivíduos ao solidarismo e à reciprocidade. Desse modo, interações regulares, amparo, acolhimento, reconhecimento social, participação efetiva na produção de bens simbólicos comporiam o “*ethos* neotribalista” (MORAES, 2005). Algo que se expande com a sociedade em rede (CASTELLS, 2000) e a partir de um espaço público ampliado (MORAES; ROSANELI, 2019). Todavia, convive e, paradoxalmente, é dependente da experiência cultural concreta.

Conforme Maffesoli (1987, p. 103), “podemos imaginar que hoje estejamos sendo confrontados com uma nova “comunhão dos santos””, em que o sentimento de pertença é um elemento-chave. De fato, a interação, a afinidade, a proximidade são, notadamente, observadas nas diversas tribos contemporâneas, das mais recentes àquelas tradicionais – sejam coletivos adolescentes ou grupos de idosos, confrarias para compartilhamento de questões ideológicas ou fluidos e descompromissados rituais de encontro entre pessoas, tal qual ocorre na Boca Maldita. Entre seus integrantes estão, conforme assumido por um deles, “todo tipo de gente”: advogados, jornalistas, empresários, políticos, profissionais liberais, aposentados, malandros, desocupados, especuladores. O movimento dessas pessoas distribui-se de forma relativamente regular ao longo da semana, atingindo seu ápice aos sábados e domingos pela manhã, com maior destaque para o sábado.

A Boca Maldita é fundamentalmente masculina, a despeito de um marco, dentro do café, fazendo referência à participação feminina, a chamada *Boca Rouge*. Aliás, uma posição contrastante com a própria visibilidade conferida ao marco da Boca Maldita, cujo monumento ocupa posição destacada na calçada. Raramente vê-se mulheres nas rodas de conversa. Em geral, quando observadas por ali, eram passantes, passageiras da Linha Turismo, funcionárias e clientes do café ou teriam algum parentesco ou amizade com algum “Cavalheiro da Boca”, permanecendo por pouco tempo - o suficiente para saudar e trocar algumas palavras - seguindo adiante em seu trajeto.

Durante a semana, o fluxo na Boca Maldita quase se confunde com a dinâmica geral da Rua XV de Novembro. A “olho nu”, isto é, numa observação menos atenta, o trânsito de carros e pessoas possivelmente terá maior destaque. O território Boca Maldita em si é apropriado por um número reduzido de “Cavalheiros” mais idosos, aposentados, durante a maior parte do dia. Só no fim da tarde, após o horário comercial, observa-se a chegada de outros integrantes, especialmente na região do Café. Ainda assim, com uma dinâmica relevante apenas de um ponto de vista microssociológico ou numa observação de perto e de dentro (URIARTE, 2013), que permita distinguir o pedaço da mancha (MAGNANI, 2002), ou seja, a Boca Maldita daquele trecho de calçada comercial em que se insere.

Chegando o sábado, modifica-se o panorama. As calçadas de ambos os lados da Rua XV de Novembro ficam cheias de pequenos grupos: acomodados no mobiliário urbano destinado ao assento e, na sua maioria, em pé, dispostos na forma de roda de conversa (Figura 8). A lógica da ocupação e apropriação prescinde de controle rígido, tampouco notou-se a existência de regras ou ritos específicos para ser “condecorado” como “Cavalheiro da Boca”. A incorporação a esse quadro aparenta passar mais por critérios de afinidade, amizade, compadrio, projeção social, visibilidade pública e outras subjetividades do que pela própria frequência do “aclamado”. Dessa forma, os que fazem parte do “pedaço” vão logo sendo identificados e integrados ao bate-papo. Nota-se que o fluxo inicia por volta das 8 da manhã e atinge seu ápice entre 9 e 11 da manhã, mantendo-se aquecido até por volta de 13 horas, quando o movimento começa a se dispersar, paulatinamente.

Figura 8 – Rodas de conversa na Boca Maldita



Fonte: autores, 2016.

No domingo, a dinâmica repete-se, porém com fluxo reduzido, em torno da metade. Em face do menor movimento, vale ressaltar ainda que, nesse dia, o início da dispersão dos “Cavalheiros da Boca” é antecipado de uma a duas horas em relação ao sábado. É interessante também que algumas pessoas saem e retornam em horários distintos, tornando-se espécies de figuras públicas, permanecendo ali ou nos arredores praticamente ao longo de quase todo o período de observação. Ao mesmo tempo, não há uma interação de todos os integrantes do “pedaço”, percebendo-se micro-tribos dentro da própria tribo (MAFFESOLI, 1987, MORAES, 2005). Daí levanta-se a hipótese de que a alternância de grupos estimula a dispersão e o retorno daqueles que se identificam com várias micro-tribos, em diferentes momentos do dia.

Após o horário de pico, grupos bastante reduzidos permanecem na Boca Maldita. Em dias mais frios, tendem a “migrar” para áreas ensolaradas próximas. Percebeu-se pouco impacto do típico frio curitibano no fluxo de Cavalheiros durante o período de observação. Já nos dias chuvosos – que foram apenas duas das datas observadas – o movimento diminuiu consideravelmente, ainda que muitos se mantivessem ali, “fiéis” ao pedaço. Aliás, chamou atenção a “fidelidade” de um grupo de descendentes de árabes, frequentadores contumazes, mesmo nos dias e horários mais pacatos.

Outra característica a se destacar é que o passeio, enquanto espaço público, é efetivamente ocupado. No entanto, a apropriação para permanência por longos períodos revela o caráter paradoxal da compreensão corrente de que esse domínio serve ao trânsito de pessoas, ao invés de se flunar por esses. Como o fluxo de pedestres é intenso nessa região, sobretudo em datas comerciais ou de eventos, notou-se, portanto, uma relação silenciosamente conflituosa. Evidencia-se, então, o contraste entre o tempo lento da Boca Maldita e o tempo acelerado da Rua XV de Novembro.

Num sábado, em virtude do movimento mais intenso, percebeu-se que os pedestres precisavam desviar-se ou contornar os grupos de Cavalheiros. Particularmente em se tratando de mulheres, algumas preferiram passar pela via do que transitar entre os homens reunidos no passeio (Figura 9). Em dias como esse, grupos de Cavalheiros também avançam para a avenida, aglomerando-se entre os carros estacionados, ocupando até mesmo uma vaga inteira. Num domingo, já passado o horário de pico, ainda restavam grupos isolados e dispersos, principalmente em frente ao Café Avenida e ao lado da entrada da Galeria Tijuca – o maior deles composto por descendentes de árabes. Dois passantes então comentaram: “esses fofoqueiros não têm nada pra fazer, até no domingo vêm aqui para fofocar”.

Figura 9 – Fragmento de *time lapse*: mulheres passando pela rua



Fonte: autores, 2016.

O convívio dos Cavalheiros da Boca com artistas de rua e vendedores ambulantes – muito frequentes nessa região de Curitiba – revelou-se, por sua vez, pacífico. Mas, por um acordo tácito ou pela própria dinâmica da territorialização estabelecida, estes não “invadem” aquele espaço cativo próximo ao café. Foram observados artistas de rua e vendedores ambulantes apenas do outro lado do calçadão.

Marcadamente, a aglomeração na Boca Maldita dá-se em maior número em frente ao café (Figura 10). Aliás, a gerente do estabelecimento contou que mantém a tradição de abrir aos domingos muito em função destes “donos do pedaço”, considerados “clientes fiéis”. Essa forma de apropriação denota uma interseção entre espaço público e o que vem sendo denominado *third place*. A ideia, originalmente concebida por Oldenburg (1999, p. 39, tradução nossa), confere a esses lugares um caráter público: “obviamente, há uma grande diferença entre a residência privada e o terceiro lugar. Casas são demarcações privadas; terceiros lugares são públicos”. Fonseca *et al* (2005, p. 26), em estudo sobre a motivação do consumo em cafés, resumiram da seguinte forma: “considerando que a primeira casa é o lar e a segunda, os espaços de trabalho, pelo tempo em que se passa nesses ambientes, as terceiras casas, por fim, são locais como cafés, bares, restaurantes e livrarias, entre outros.”

Figura 10 – Café Avenida



Fonte: autores, 2016.

Outras interpretações do conceito original de *third place* incorporaram uma noção tão ou mais contraditória ao classificá-lo como uma espécie de espaço semi-público (BANERJEE, 2007). Não obstante o caráter conflitante da mistura conceitual, pode-se contextualizá-lo em relação ao fluido universo relacional brasileiro. A sociologia do cotidiano dammatiana demonstra que há uma constante e contraditória oscilação entre a casa e a rua – o privado e o público – enraizada no *modus vivendi* nacional (DAMATTA, 1997). Com efeito, este permeia a relação dos Cavalheiros com a Boca.

Percebe-se o Café como um ponto de apoio fundamental para a concentração dos Cavalheiros da Boca, disponibilizando a eles infraestrutura mínima, como banheiro, alimentos e bebidas e algumas mesas e cadeiras, favorecendo a permanência por várias horas. Aliás, de três a quatro vezes por semana, após 18h, um grupo de Cavalheiros reúne-se no estabelecimento para “jogar palito”. Entre eles, o proprietário – um italiano que está mais frequentemente entre os clientes do que atrás do balcão – que propala ter comprado o estabelecimento para tal fim – “jogar palitos” - e “reunir os amigos”, pois “se dependesse de vender cafezinhos, estaria quebrado”.

O passeio, entretanto, é o espaço preferencial. De outro modo, aliás, seria impossível a aglomeração de tantas pessoas, pois a área interna do café é bastante pequena, com apenas duas mesas e uma bancada. Portanto, esse *third place* limita a interação entre grupos maiores, tornando a calçada um lugar mais convidativo e aprazível. Nesse sentido, evidencia-se que o café estende-se até à “rua”. Ressalve-se que o passeio, bem próximo dali, também concentra engraxates e uma banca de jornais e revistas, a que os Cavalheiros da Boca recorrem com frequência. Ademais, para os tabagistas, é vedado o uso de cigarros no interior do café, por força da legislação vigente.

Olhando “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002), da perspectiva dos Cavalheiros da Boca, parece ser possível também um movimento inverso: o Café como extensão do passeio. Este avançaria para dentro daquele, quase como espaço contíguo. Percepção corroborada pela referência espacial bastante recorrente, que soa quase como um *slogan*: “lá (aqui) no Café da Boca”. Ratifica que as pessoas buscam no espaço público lugares que sejam uma extensão do lar (OLDENBURG, 1999, FONSECA et al., 2005; BANERJEE, 2007).

Fazendo uma alusão à casa e à rua de DaMatta (1997), tem-se aqui a imbricação entre o Café e a rua, constituídos espaços antagônicos e, ao mesmo tempo, complementares na conformação do *ethos* da Boca. Nesse sentido, conforme defendido por Bourdieu (2001), o *ethos* está relacionado ao *habitus*. Um sistema que, nesse caso, envolve a reapropriação contínua (CAVALCANTE e ELIAS, 2011) do espaço social denominado Boca Maldita. Espacialidade cercada também de um simbolismo reificado pela criação de tradições (HOBSBAWN, 1997), bem como pela ritualização (TURNER, 1974), representação (GOFFMAN, 2002), *transportation* e restauração do comportamento (SCHECHNER, 1995; SILVA, 2005), que estabelecem e revigoram vínculos e sentimentos de pertença.

Por dentro da Boca: considerações finais

A Boca Maldita, como *locus* de convívio social, abarca uma carga performática e representacional. Naquele espaço, atores sociais assumem seu papel de Cavalheiros da Boca, conformando encenações peculiares ao palco em que se encontram – uma espécie de “*transportation*” (SCHECHNER, 1995; SILVA, 2005). Desse modo, emerge um tipo de encenação característica, na qual falar e rir alto, praguejar, fazer chacota, especular, confabular, fofocar são permitidos e até bem-vindos. Ali, os descendentes de árabes também se sentem à vontade e até preferem, para falar entre eles, sua língua de origem. A diversidade étnica também se manifesta quando se ouve um pedido em italiano no balcão. Nesse aspecto, a existência de guetos dentro da própria tribo da Boca Maldita é uma conjectura possível, criando códigos e debates específicos no âmbito de cada roda de conversa.

A emergência de códigos de comunicação estritos, mesmo que em grupos particulares, desvela que há um espaço simbólico pouco afeito à “triangulação” (WHYTE, 2010). Pessoas “estranhas”, em geral, ficam à margem da Boca Maldita, ainda que compartilhem do espaço físico onde os Cavalheiros da Boca estabeleceram seu palco. A interação com quem está fora da tribo é mais restrita.

Desde que foram estabelecidos os contatos iniciais com os integrantes da Boca Maldita, houve relativa receptividade em relação aos autores. Todavia, algumas circunstâncias deixaram transparecer que sempre era uma proximidade “controlada”. Tal como aponta Valladares (2007), o pesquisador é um estranho no “pedaço”, sobre quem incide alguma curiosidade ou até mesmo desconfiança. A despeito de ser um local de fluxo intenso e rápido para maioria das pessoas, notou-se, no entanto, a interferência da pesquisa no espaço público. Algumas pessoas mudavam seu trajeto, se ajeitavam quando percebiam que estavam sendo fotografadas ou até mesmo manifestavam-se contrariamente, como ocorreu com um morador de rua: “sou morador de rua, não posso ser fotografado”. Ao perceber a presença de um “intruso” – nesse caso, o pesquisador – alguns grupos também se dispersavam, sem dizer nada, deixando que a conversa seguisse com apenas um interlocutor. Todavia, isto não impediu de avançar em outros contatos, nos quais se obtivesse maior aproximação.

Vale ressaltar a ausência de homogeneidade em relação à concepção que diferentes integrantes possuem sobre a Boca Maldita. Enquanto numa conversa, um Cavalheiro enfatiza que se trata de um grupo seletivo, com “figuras notáveis” de Curitiba, entre eles, advogados, jornalistas, profissionais liberais e políticos, outro prefere destacar que ali tem de tudo: “malandros, desocupados, vagabundos, especuladores”. Ou seja, um revela o lado *soft*, do lugar por onde passa o debate das questões públicas curitibanas mais importantes; o outro desvela o lado *hard*, da maledicência, da fofoca, da malandragem, que permeiam a Boca Maldita, assim como a sociedade brasileira (DAMATTA, 1997). Todavia, “mesmo que o debate político fique bastante acalorado num dia, no outro estão todos se abraçando novamente”, ressaltou um Cavalheiro, exaltando o caráter, que considera amistoso e democrático, da Boca Maldita.

Falta consenso até em relação ao próprio nome dado ao lugar. Dentro da tribo árabe inserida na Boca Maldita, circula a história de que dois deles teriam assediado uma moça italiana, “da bunda bonita, avantajada”, chamando-a de “gostosa”. Ela, então, teria reagido: “Sua boca maledeta”. Já Tomass (2013) relata que dois integrantes conversavam na região da Boca Maldita, quando subiu um forte cheiro das galerias de águas pluviais existentes no calçadão da Rua XV de Novembro. Um deles, então, teria dito: “que boca maldita”. Ambos os relatos demonstram uma forte ação da oralidade e da informalidade na criação das tradições deste espaço social.

Com efeito, percebeu-se que o comportamento e as relações desenvolvidas com o grupo estudado fazem, efetivamente, a diferença. Como orienta Valladares (2007, p. 154), isso implica “saber ouvir, escutar, ver, fazer uso de todos os sentidos”. E foi desse treinamento do “olhar” que se conversou longamente, num frio fim de tarde, com um Cavalheiro de 90 anos de idade, natural do Rio Grande do Sul. “O curitibano quer ser o primeiro em tudo”, ressaltou. Nesse sentido, o colega de meia idade que o acompanhava complementa com certo orgulho: “As Diretas Já começaram aqui na Boca Maldita”.

Essa frase, de certa forma, sintetiza aquilo que se apreendeu sobre a Boca Maldita: mais importante do que uma configuração física claramente definida, mais definidora do que qualquer veracidade ou lógica articulada, é a verdade das crenças e convicções (e também dos interesses diversos) que pessoas e grupos sociais constroem ao longo do tempo e que se consolidam no espaço vivido por meio de práticas cotidianas, frequentemente ritualizadas. Seria diferente a institucionalização da Boca? Uma “tribo” urbana se reúne frequentemente e cria um “pedaço”; a presença do “pedaço” atribui sentido e cria identidade; a comunidade

passa a reconhecer a tribo e suas práticas; o passar dos anos consolida a tradição, a princípio produzida, inventada, mas que vai se tornando memória e história.

Referências Bibliográficas

BANERJEE, T. The future of public space: beyond invented streets and reinvented places. *In*: M. Carmona, e S. Tiesdell (Eds.), **Urban Design Reader**. Oxford: Elsevier, 2007, p. 153-162.

BOURDIEU, P. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

_____. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CARMONA, M. Contemporary Public Space: Critique and Classification, Part One: Critique. **Journal of Urban Design**, v. 15, n. 1, 2010, p. 123-148.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CAVALCANTE, S.; ELIAS, T. F. Apropriação. *In*: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. (Orgs.), **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 63-69.

DAMATTA, R. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DUDEQUE, I. T. **Nem um dia sem uma linha: uma história do urbanismo em Curitiba**. São Paulo: Studio Nobel, 2010.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FONSECA, M. T.; TSAI, J.; ISHIHARA, K. A.; HONNA, P. E. Vamos Tomar um Café? Um estudo exploratório sobre as motivações do consumo em cafés. **Impulso**, v.16, n. 39, 2005, p. 23-35.

FUINI, L. L. O território em Rogério Haesbaert: concepções e conotações. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, v. 21, n. 1, 2017, p. 19-29.

GEHL, J.; SVARRE, B. **How to study public life**. Washington: Island Press, 2013.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

HAESBAERT, R. Da desterritorialização à multiterritorialidade. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 29, n.1, 2003, p.11-24.

HOBSBAWN, E. A Produção em Massa de Tradições: Europa, 1870 a 1914. *In*: HOBSBAWN, E.; RANGER, T. (org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. Martins Fontes, São Paulo, 2000.

KRAUSE, B. **A grande orquestra da Natureza: descobrindo as origens da música no mundo selvagem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 17, n. 49, 2002, p.11-29.

MORAES, L.; ROSANELI, A. F. . Mídia e novo espaço público. In: ROSANELI, A. F. (Org.). **Olhares pelo espaço público**. Curitiba: Setor de Tecnologia da UFPR, 2019, p. 309-325.

MORAES, L. Reinventando Deus: uma análise do discurso jornalístico-científico da revista Superinteressante sobre assuntos religiosos. **Ciência & Comunicação**, v. 2, n. 3, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.jornalismocientifico.com.br/revista/03/artigos/artigo2.asp>>. Acesso em: 05 maio 2016.

OLDENBURG, R. **The great good place**: cafes, coffee shops, bookstores, bars, hair salons, and other hangouts at the heart of a community. 3 ed. New York: Marlowe & Company, 1999.

OLIVEIRA, D. **Curitiba e o mito da cidade modelo**. Curitiba: Ed. UFPR, 2000.

PEREIRA, M. R. de M. **Semeando iras rumo ao progresso**. Curitiba: Ed. UFPR, 1996.

SCHECHNER, R. Restauração do comportamento. In: BARBA, E. & SAVARESE, N. **A arte secreta do ator**: dicionário de antropologia teatral. Campinas: Hucitec, 1995, p. 205-210.

SILVA, R. A. Entre “artes” e “ciências”: a noção de performance e drama no campo das ciências sociais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 11, n. 24, 2005, p. 35-65.

TOMASS, L. **Boca Maldita de Curitiba**: reduto da Democracia. Curitiba: Editora Prospere, 2013.

TURNER, V. **O processo ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.

URIARTE, U. M. O que é fazer etnografia para os antropólogos. **Ponto Urbe**, n. 11, 2012, p. 1-11.

_____. Olhar a cidade: contribuições para a etnografia dos espaços urbanos. **Ponto Urbe**, n. 13, 2013, p. 1-13.

VALLADARES, L. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 22, n. 63, p. 153-155, 2007.

WHYTE, W. H. **The social life of small urban spaces**. New York: PPS, 2010 [1980].

Recebido em: 02/06/2020

Aprovado para publicação em: 31/07/2020